

Mistério trans-ontológico e Vertigem transcendente: Fernando Pessoa e Raul Leal

PAULO BORGES*

Introdução

Uma das experiências mais recorrentes no pensamento e obra de Fernando Pessoa é a do mistério da existência, que designamos como trans-ontológico, pois o que em última instância é não só é mais-que-ser («ultra-ser», como veremos), mas transcende a dualidade e antinomia entre existir e não-existir, ser e não-ser, escapando a toda a apreensão e articulação na esfera categorial, conceptual, verbal e imagética. É nesse sentido que é propriamente um *mistério*, com um cunho *místico*, pois, como indica a comum raiz destas duas palavras no *muéin* grego, implica uma suspensão e silenciamento do ver e do dizer¹ que é iniciação a uma experiência sem um conteúdo discernível, que se possa circunscrever pelo pensamento, pela imaginação ou pela palavra, o que a mostra em última instância inefável². A essência dos Mistérios gregos, como os de Elêusis, como aponta Aristóteles recordado por Eudoro de Sousa, é que «os iniciados não são submetidos a qualquer ensinamento (*matheîn*), mas a uma experiência (*patheîn*), mediante a qual adquirem certa disposição de ânimo, previsto que para tal se tenham tornado aptos»³. O objectivo

* Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa; pauloeborges@gmail.com; <https://paulo-borges.com>.

1 Cf. R.H. JONES, *Philosophy of Mysticism. Raids on the Ineffable*, State University of New York Press, Albany 2016, p. 1; J.M. VELASCO, *El Fenómeno Místico. Estudio comparado*, Editorial Trotta, Madrid 2003, pp. 19-20.

2 W. JAMES, *The Varieties of Religious Experience. A Study in Human Nature*, Prometheus Books, New York 2002, p. 380; JONES, *Philosophy of Mysticism*, op. cit., pp. 204-208; R.H. JONES, *A History of Mysticism*, State University of New York Press, Albany 2024, p. 16.

3 Cf. Aristóteles, *De Philosophia*, frag. 15, ed. Ross, in E. DE SOUSA, *História e Mito*, in *Mitologia. História e Mito*, apresentação de C.M. César, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa 2004, p. 330.

deste estudo é ver como esta experiência se articula com aquela que Raul Leal, um dos mais próximos amigos, interlocutores e leitores de Fernando Pessoa e seu companheiro na geração de *Orpheu*⁴, designou como «Vertigem transcendente» e assumiu como cúspide do seu pensamento que consideramos anagógico, na medida quem se exerce visando a sua auto-superação numa experiência trans-discursiva.

Mistério trans-ontológico e Vertigem em Fernando Pessoa

Já tivemos oportunidade de comentar desenvolvidamente o poema sem título de Álvaro de Campos⁵ onde o mistério de «haver ser» ou de «haver uma realidade» é a «única realidade terrível» que permeia tudo e faz da existência de tudo um «abismo» incontornável e difícil de suportar, talvez por ser metáfora de um espaço aberto e sem contornos, ilimitado, insondável e, enquanto tal, impenetrável e irredutível a qualquer princípio de razão e inteligibilidade, frustrando tanto a comum necessidade humana de fundamento e delimitação como de conhecimento e segurança. Toda a existência é abissal «por simplesmente ser», «poder ser» e «haver ser». «Haver ser» é (res)sentido assim como um «horrível ser» que, num primeiro momento, «empequena» ou reduz à insignificância tudo quanto os humanos dizem, fazem ou desfazem ou através deles se faz ou desfaz, mas, no seguinte momento dialéctico da experiência, transforma todas as instâncias do real, desde as empíricas às metafísicas, «em outra coisa», «numa só coisa tremenda e negra e impossível», o que entendemos como o próprio mistério abissal inerente a todo o existir e suas múltiplas modalidades. É essa «outra coisa», na verdade uma não-coisa, dada a sua inapreensibilidade e inefabilidade, que está em tudo e para além de tudo como a fonte primeira de tudo, sejam «deuses»,

4 Cf. R. LOPO, «Raul Leal: leitor de Fernando Pessoa, leitor pessoano, leitor de si mesmo», in R. LOPO – M. C. NATÁRIO – R. EPIFÂNIO (org.), *Raul Leal: Leitor de Fernando Pessoa, Leitor de Si Mesmo ou a Criação do Futuro. Textos sobre e para Fernando Pessoa*, U.Porto Press, Porto 2023, pp. 15-53.

5 P. BORGES, «Mistério trans-ontológico e transfiguração do mundo em Álvaro de Campos», in *Do Vazio ao Cais Absoluto ou Fernando Pessoa entre Oriente e Ocidente*, Âncora Editora, Lisboa 2017, pp. 73-82.

«Deus», «Destino», «ser» ou «seres», sendo o que subsiste «através de todas as formas» e «vidas, abstractas ou concretas, / Eternas ou contingentes, / Verdadeiras ou falsas!». Esta «outra coisa» / não-coisa – aqui tematizada como uma instância nocturna, que escapa ao exercício apolíneo da razão – é o inconceptualizável e irreificável que fica sempre de fora de toda a compreensão, pois a apreensão de tudo não logra «explicar por que é um tudo» e «porque há qualquer coisa». É este dado incontornável de toda a experiência como irreduzível a todo o limite e a todo o conhecimento, é este incoordenável e inarticulável radical que Álvaro de Campos designa apofaticamente como «ultra-ser» e cuja abissalidade abre uma insanável ferida de infinito no seio da inteligência e da existência, eludindo toda a possibilidade de autofundação do ser e do pensar num terreno sólido e firme, autárquico e substancial.

Confrontado com a inscrição de toda a existência, de si e do mundo, num espaço abissal, incircunscrito, indeterminado e sem referências, que vislumbramos como o infinito, o sujeito poético sente que a «inteligência» se lhe converteu num «coração cheio de pavor», treme com as suas ideias e consciência de si e a sua «substância essencial» é o próprio sufocar «de incompreensível» e esmagar-se «de ultratranscendente». O mistério abissal abre-se no íntimo do ser, da consciência e do pensar sem evasão, pacificação e consolo possíveis, inscrevendo o «medo», a «angústia» e o «perigo» do «ultra-ser» como o incontornável da existência, da vida e da mente: «E deste medo, desta angústia, deste perigo do ultra-ser, / Não se pode fugir, não se pode fugir, não se pode fugir!»⁶.

Interrogando se não há libertação possível do «Cárcere do Ser» e do «pensar», Campos responde que não, que «nem morte, nem vida, nem Deus» oferecem qualquer emancipação do mistério abissal, trans-ontológico, inerente a «haver ser» ou «qualquer coisa». A razão é que os humanos são «irmãos gémeos» do «Destino» e «dos Deuses todos» no que respeita ao existir, que em todos é igualmente abissal, impenetrável e transcendente. Todos os entes, humanos ou divinos, são assim

6 Á. DE CAMPOS, «Ah, perante esta única realidade, que é o mistério», in F. PESSOA, *Obra Poética e em Prosa*, I, introduções, organização, biobibliografia e notas A. Quadros e D. Pereira da Costa, Lello & Irmão – Editores, Porto 1986, pp. 1018-1019. Cabe notar como esta impossibilidade de evasão se cruza com a reflexão de Emmanuel Lévinas em *De L'Évasion*, intro. e notas J. Rolland, Fata Morgana, Paris 1982.

«o mesmo abismo», havendo sempre em todos, sombrios ou luminosos, «a mesma noite». Existir é neste sentido «ser inconsciente, porque existir é ser possível haver ser, / E ser possível haver ser é maior que todos os Deuses», sendo irredutível a toda a determinação e ordem de razões, causal, final ou outra, do *cogito* humano ou divino⁷.

Esta abissalidade trans-ontológica do existir tem abissais consequências no que respeita à experiência dos entes intra-mundanos quotidianos e à relação com a morte. É que, dado que o «haver ser» e existir de tudo é por igual radicalmente abissal, sendo tudo «o mesmo mistério», os mínimos objectos que diariamente manuseamos – como, nos exemplos dados, «A pena em que pego, a letra que escrevo, o papel em que escrevo» – não «São mistérios menores que a Morte». Surge assim a possibilidade de uma profunda reviravolta da mente convencional ao contemplar que, se afrontamos inconscientes, sorridentes e confiantes a «vida», com a inerente «incerteza da sorte» e a «possibilidade quotidiana de todos os males», se lidamos inconscientes com o «mistério de todas as coisas e de todos os gestos», porque não haveremos de afrontar, com o mesmo sorriso e inconsciência, a «Morte»? Se a ignoramos, o que é que não ignoramos? Se é o desconhecido, o que há de conhecido⁸? cremos ficar aqui implícito e informulado o reverso deste argumento interrogativo: se tememos a morte, por ser o desconhecido, porque não tememos e trememos – como acontece com o poeta-pensador a partir do momento em que apercebe o abismo em tudo – perante as mínimas coisas da vida e da existência quotidiana, pois de todas e cada uma delas é inseparável o mistério «terrível» e «horrível» de «haver ser»? É num sentido convergente que Teixeira de Pascoaes declara que, se víssemos «as cousas e os seres» na sua verdade, livres das «pequenas formas limitadas» em que os nossos olhos as «encarceram», «A presença duma árvore petrificar-nos-ia, de repente!»⁹.

O poema de Álvaro de Campos conclui destacando que «tudo é inconsciência», pois o próprio haver consciência e criação supõe o «existir» e «existir é ser inconsciente, porque existir é ser possível haver

7 Cf. CAMPOS, «Ah, perante esta única realidade...», op. cit., pp. 1019-1020.

8 CAMPOS, «Ah, perante esta única realidade...», op. cit., p. 1020.

9 Cf. T. DE PASCOAES, *O Pobre Tolo (versão inédita)*, *Obras Completas*, intro. e ed. J. do Prado Coelho (*Obras Completas*, IX volume, Prosa III), Livraria Bertrand, Lisboa 1973, p. 120.

ser, / E ser possível haver ser é maior que todos os Deuses¹⁰». Se o viver consciente radica num incontornável fundo de inconsciência que iguala humanos e animais não-humanos, a consciência disso é, todavia, possível e a composição traz consigo e suscita a experiência de um despertar para o abismo que é o fundo sem fundo de toda a experiência possível, existencial, mental ou outra, com todo o desassossego inerente a esta ordem de experiências em Fernando Pessoa.

Cabe notar que, se a tematização da experiência do mistério da existência atravessa muitas e significativas páginas da obra pessoana, delas se destaca o drama *Fausto*, onde avulta o tema de haver algo para além dos pares de opostos e antinomias que estruturam o pensamento e a vida humanos, como «morte» e «imortalidade», «vida e morte», «ser, não ser», «Céu» e «inferno». É o que aqui designa como «Um Inominável supertranscendente / Eterno incógnito e incognoscível», que não é redutível a «Deus». Isto exige que o «pensamento» vá «mais além» e se abra à experiência do «horror» que transcende o próprio «mistério dos olhos e do olhar / Do sujeito e do objecto» e entre no «mudo / Sentimento de se desconhecer» e na «comoção» que vem de «sentir a loucura do vazio». O «horror» acompanha a incompreensão da «existência» e a visão do «perene mistério» que atravessa tudo¹¹. Isto conduz, numa experiência vivida no limiar da saída da infância, à sensação do desaparecimento da paisagem contemplada num «abismo invisível» que se lhe substitui, não objectivamente, mas no modo como se pensa o visível. Esta foi a «primeira visão interior / Do mistério infinito», que instala doravante o «horror supremo» na vida¹². O «mistério» passa então a habitar constantemente a alma, desinquietando o espírito que medita e remói a «ilusão do pensamento», sentindo a crescente abertura de um mais fundo «abismo» entre o sujeito e si mesmo no qual «não há nada»¹³.

O corolário desta alteração do estado habitual de consciência por iniciação a uma experiência vazia, sem determinações nem conteúdos, é, em profunda convergência com o poema de Álvaro de Campos, o vislumbre

10 CAMPOS, «Ah, perante esta única realidade...», op. cit., p. 1020.

11 Cf. F. PESSOA, *Fausto. Tragédia subjectiva (Fragmentos)*, estabelecimento do texto, ordenação, nota à edição e notas T. Sobral Cunha, pref. E. Lourenço, Editorial Presença, Lisboa 1988, p. 7.

12 Cf. PESSOA, *Fausto*, op. cit., p. 8.

13 Cf. PESSOA, *Fausto*, op. cit., pp. 8-9.

de que o «mistério» único e supremo do universo «É haver o universo, qualquer cousa, / É haver haver»¹⁴. Isto é uma imersão numa «negra e lúcida verdade» que escapa «às almas / Que na luz concebem», não suspeitando a «escuridão / Das cavernas da alma» onde a «existência íntima» se transfigura, assumindo «outra forma, outro ser e outro [...]» (o texto está inacabado)¹⁵. Curiosamente, esta experiência leva a uma absorção sentida como um não poder tirar de si os olhos ou não poder tirar os olhos da alma de si mesma, confessando que a absorção em si e no universo, no universo e no mistério e em si sentindo o universo e o mistério apaga «Humanidade, vida, amor, riqueza»¹⁶.

Estabelecendo a ponte entre a experiência abissal de Pessoa e a de Raul Leal, cabe notar, no *Livro do Desassossego*, como a descrição da descoberta de não ser «Ninguém, absolutamente ninguém», leva Bernardo Soares a descrever a sua alma como «um maelstrom negro, vasta vertigem à roda de vácuo, movimento de um oceano infinito em torno de um buraco em nada», no qual o «eu» é, na verdade, «o nada em torno do qual este movimento gira, só para que gire»¹⁷. A vertigem turbilhonante desvela-se aqui no íntimo do próprio sujeito, experienciado como uma ausência de determinações em torno da qual gira todo o mundo fenomenal, o que o leva a dizer ser «o centro que não há nisto senão por uma geometria do abismo»¹⁸.

Esta experiência é *vertiginosa*, pois nela se tende a perder os limites da percepção habitual que temos do existir e dos existentes, a percepção convencional de si, dos outros e do mundo. “Vertigem” vem do latino *vertigo*, do verbo *vertere* (gitar), que por sua vez deriva da raiz proto-indo-europeia **wer*, com o sentido de “gitar, curvar”. A experiência da vertigem pode ser induzida por um rodopiar acelerado do corpo sobre si mesmo, que desfaz a aparente estabilidade visual da percepção das formas de si e do mundo, mas pode designar também a desestabilização mental dos conceitos usuais que conduzem a uma solidificação da percepção do real como um conjunto de entidades discretas, atomizadas e

14 PESSOA, *Fausto*, op. cit., p.11.

15 PESSOA, *Fausto*, op. cit., pp. 12-13.

16 PESSOA, *Fausto*, op. cit., p. 12.

17 Cf. SOARES, *Livro do Desassossego*, ed. R. Zenith, Lisboa 1998, pp. 257-258.

18 Cf. SOARES, *Livro do Desassossego*, op. cit., p. 258.

distintas, aparentemente encerradas nos limites das suas formas. Teixeira de Pascoaes surpreende precisamente a «vertigem» inerente ao «delírio de ritmos» da «criação», vista, à transparência da aparente substancialidade e solidez das suas formas, como uma «estátua de pó, turbilhonante, [...] assente sobre o Nada e o Sonho»¹⁹.

A experiência da vertigem surge, em várias modalidades, como um universal da experiência humana, porventura desde tempos tão recuados como o Paleolítico Superior, de acordo com a tese de que a sua arte procederia da inscrição nas paredes das grutas de imagens inerentes a experiências de alteração da consciência onde a neurociência contemporânea encontra, numa fase de mutação dos fenómenos entópticos percebidos por muitas pessoas, «um vórtice rodopiante ou túnel giratório que parece rodeá-los e atraí-los para as suas profundezas», o que por vezes dá lugar a uma metamorfose radical da percepção de si mesmo, em que os sujeitos se vêem e sentem transformados em animais²⁰. Um «vórtice» (*díne*) também é referido por Aristóteles como a possível causa do processo de diferenciação originária do *apeiron*, o «infinito» ou «indefinido», em Anaximandro²¹, sendo convergente o fragmento de Demócrito que declara que «um vórtice se separou do todo»²². Um «vórtice» cosmogónico também é central em Empédocles²³. É curioso notar que o «vórtice» que a filosofia grega pré-socrática vislumbra na origem do mundo fenomenal é por sua vez, num aforismo célebre do *Yoga-Sūtra* de Patañjali, apontado como inerente aos *vr̥tti* – os «turbilhões» – da mente que o *yoga*, enquanto prática meditativa e contemplativa, visa precisamente cessar – *yogaś-citta-vr̥tti-nirodhaḥ*²⁴ –, de modo que a realidade seja vista tal como é e não alterada pela agitação e condicionamento dos fenómenos mentais.

19 Cf. T. DE PASCOAES, *Verbo Escuro*, in *Verbo Escuro. A Beira (num relâmpago)*, (Obras Completas, VII volume), Livrarias Aillaud & Bertrand, Paris-Lisboa s. d., pp. 44-45.

20 Cf. D. LEWIS-WILLIAMS, *The Mind in the Cave. Consciousness and the Origins of Art*, Thames and Hudson, London 2016, pp. 128-130.

21 Cf. Aristóteles, *De Caelo* B 13, 295 a 7, in G. S. KIRK – J. E. RAVEN – M. SCHOFIELD, *Os Filósofos Pré-Socráticos*, trad. C.A. Louro Fonseca, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 1994, p. 127.

22 Cf. Demócrito, fr. 167, in KIRK – RAVEN – SCHOFIELD, *Os Filósofos Pré-Socráticos*, op. cit., p. 132.

23 Cf. Empédocles, fr. 35, Simplicio, *De Caelo* 529, 1, in *Phys.* 32, 13, in KIRK – RAVEN – SCHOFIELD, *Os Filósofos Pré-Socráticos*, op. cit., p. 310.

24 Cf. PATAÑJALI, *Yoga-Sūtra*, 1.2, trad. e com. G. Feuerstein, Inner Traditions International, Rochester 1989, p. 26.

A Vertigem Transcendente em Raul Leal

Antecipada em várias instâncias do pensamento mundial, bem como em Pascoaes e Pessoa, a fecundidade da experiência da vertigem, que a converte num fundamental conceito-imagem operativo, é plenamente assumida por Raul Leal, pensador controverso cujo «systema» – o «fusionismo transcendente» – Fernando Pessoa considerou dotado de «intima e original riqueza substantiva» envolta na sua própria «linguagem confusa, perplexa, propriamente e explicavelmente *vertigica*»²⁵. Pessoa define aliás deste modo, extremamente sugestivo, a «philosophia de Raul Leal»:

É um systema que não é já, propriamente, uma philosophia: transcende a filosofia. Mas, como é, apesar de tudo, philosophia, é a philosophia transcendendo-se a si-propria²⁶.

Num ensaio filosófico de 1913, *A Liberdade Transcendente*, no qual concentraremos a nossa exposição, Raul Leal apresenta uma via de pensamento que designa como «*Vertiginismo Transcendente*»²⁷. A sua proposta é ir além da aparente definição, individualização e isolamento dos fenómenos e das coisas, que se objectivam, parecendo existir em si, exterior e substancialmente, sempre que o espírito não apercebe toda a «actividade intima» que lhes é inerente e que, sempre que «intimamente sentida», se torna «a nossa própria actividade intima»²⁸. Uma vez reconhecida, todavia, a «Actividade Pura» inerente ao «Infinito», desvela-se o fundo contínuo, «transcendente, espiritual, [...] inespaçial e intemporal» que subjaz à sua aparente limitação temporal e extensão espacia²⁹ nos fenómenos do mundo. É esta «a actividade infinita,

25 F. PESSOA, *Sensacionismo e Outros Ismos*, ed. J. Pizarro (*Edição Crítica de Fernando Pessoa*, vol. X), Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa 2009, p. 320.

26 F. PESSOA, *Sensacionismo e Outros Ismos*, op. cit., p. 319.

27 Cf. R. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, 1913, in M.J. GANDRA (org.), *Profética Lusíada. A Idade Paracletiana*, Manuel J. Gandra – Centro Ernesto Soares de Iconografia e Simbólica, Lisboa 2020, p. 33.

28 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., pp. 31-32.

29 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., pp. 33-34.

infinitamente vertiginosa, que tudo confunde, que tudo transcendentiza no Espírito»³⁰, cuja essência é a própria «Vertigem Transcendente» que em si indefine as ideias dogmatizadas e objectivadas que procedem do que o filósofo designa como a «vagificação» da Actividade originária, significando com este termo que esta actividade se torna tanto mais vaga, ou seja, tanto menos aparente, quanto mais se limita na transição do seu «Indefinido Puro» para a definição das coisas e das ideias³¹. O «Espírito» é assim a «Vertigem» que transcende todas as antinomias, como fenómenos e númenos, relativo e absoluto³², sendo a «transcendente vertigem convulsiva da Existência» na qual em última instância se supera a própria distinção entre «indefinido» e «definido». Todos os aspectos da existência vivem numa labiríntica e complexa dialéctica de atracção e luta que os confunde e interpenetra numa «Ansia» que é a própria «Vertigem»³³, distinta da «ansia duma coisa por outra»³⁴.

Na visão e sistema de Raul Leal a Vertigem é a própria divindade que, pensada em confronto com a definição, é o «indefinido Absoluto», sem «atributos definíveis» e que em si tudo indefine, confunde e consubstancia. Parecendo o «Nada», «não tem caracter», o que entendemos como não ter características, o que se estende às «supostas criaturas», as quais, absoluta e eternamente «n'Ele fundidas», também são livres de características definidoras, «sendo cada uma Deus que é tudo, o Indefinido»³⁵. Este Deus-Vertigem é uma «Ansia» e «Convulsão Pura», «Infinita» e «Transcendente» na qual se harmonizam absoluta e transcendentemente as actividades de atracção e repulsa que animam e movem tudo³⁶, como numa união conciliadora dos dinamismos que Empédocles pensou como «Amor» e «Discórdia»³⁷.

Se Deus é designado como o «Indefinido Transcendental», Leal tem o cuidado de o distinguir do «indefinido» comum, do «nada» e da

30 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., p. 35.

31 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., p. 36.

32 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., p. 39.

33 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., p. 86.

34 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., p.115.

35 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., p. 92. Cf. também pp. 93 e 98.

36 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., p. 99.

37 Cf. Empédocles, fr. 17, 1-14, Simplicio in *Phys.* 158, 1, in KIRK – RAVEN – SCHOFIELD, *Os Filósofos Pré-Socráticos*, op. cit., pp. 300-303.

«inexistência», sendo na verdade a transcendência do indefinido e do definido ou o «Infinito»³⁸, que é «indeterminável por ser indelimitável», o que o torna irredutível à e inapreensível pela «razão determinadora», sendo a Vertigem a «suprema imprecisão» «ultra-razional das cousas mergulhadas no infinito de Deus»³⁹. É neste «Infinito» ou «Imensidade» que cada «eu» se funde e compenetra, no que o pensador designa, oscilando em termos conceptuais e de linguagem, como um estatuto transcendental ou transcendente de si, que o leva num sentido a afirmar que só o seu «eu» existe e tudo nele «absolutamente se confunde», para depois esclarecer que essa «existência transcendente» é igualmente uma «complexidade transcendente», na qual a existência única do eu é equivalente à existência de uma «imensidade de cousas». Num ponto aparentemente mais obscuro da sua visão, decorrente de tentar expressar nos quadros necessariamente delimitadores da linguagem um pensamento e uma experiência que os excedem, parece afirmar que, se tudo está em Deus e Deus está em tudo, tudo está em tudo e cada eu está em todos os demais, pois o Infinito-imensidade em que tudo se enraíza é «a mesma Imensidade»⁴⁰. Nada é assim definível nem compreensível no «labirintismo vertigico» em que «toda a Existência Transcendente» ou «Deus se debate»⁴¹. Dialogando com os possíveis de Leibniz, declara que todos «se continuam absolutamente», sendo cada um o próprio «Infinito» ou a «Vertigem infinita», pois há uma continuidade sem ruptura entre Deus e «as suas supostas criações», que nele existem assim eternamente⁴². Note-se a insistência em falar de «supostas criaturas»⁴³ e «supostas criações», o que indica o vislumbre de uma verdade mais funda, não-dual, subjacente à distinção entre criador e criatura da visão criacionista convencional. No plano fenomenal, isto conduz Leal a afirmar que cada fenómeno é «tudo» e todos os demais fenómenos, sendo simultaneamente

38 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., p. 100.

39 Cf. R. LEAL, *Sodoma Divinizada. Leves reflexões teometafísicas sobre um artigo*, 1923, in GANDRA (org.), *Profética Lusíada*, op. cit., p. 191.

40 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., p. 101. Cf. também R. LEAL, *Super-Estado*, 1935, in GANDRA (org.), *Profética Lusíada*, op. cit., p. 265.

41 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., p. 101.

42 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., pp. 101-102.

43 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., p. 92.

causa e efeito «de todos os outros», o que designa ainda como uma «consubstanciação absoluta»⁴⁴.

Se a concepção lealina da «Vertigem» como «Actividade» se afasta da noção espinosiana de substância para se assumir mais afim à noção leibniziana de força, afasta-se por sua vez da monadologia leibniziana na medida em que esta não incorpora o «unisubstancialismo» de Espinosa, fixando-se dogmaticamente na substancialidade das mónadas. Já na «Vertigem» de Leal se afirma a «liberdade transcendente», incompatível com qualquer «substancialismo» e «definismo», na qual todas as «concepções definidas» e «dogmáticas» «devem desaparecer completamente», não em prol do cepticismo – ou do «nada» anulador de tudo⁴⁵ –, mas do «vertiginismo» onde coexistem eternamente, livres de qualquer definição e igualmente valiosas, «todas as manifestações possíveis» do Espírito enquanto Vertigem transcendente e sublime⁴⁶. Isto conduz o pensador ao arroubo anagógico, que considera distinto do «deprimente misticismo», onde a elevação espiritual se concilia com um «egotismo superior, hiperestético», ou «egotismo puro»⁴⁷, no qual proclama:

Somos a Força, o Infinito! Somos Deus... Toda a Ansia Transcendente e transcendentemente labirintica e transcendentemente convulsiva, vertigica está em nós! Somos a Vertigem⁴⁸...

Esta identidade com a «Actividade Vertigica» inere a uma esfera transcendente «de toda a nossa fenomenologia psicológica» que, todavia, a continua a nível superior. É no extremo dessa continuidade que o «vago religiosismo das nossas almas», ou seja, a «Vertigem latente», se apercebe e nos leva a sentir-nos «a Vertigem, a Existencia Pura, a Pura Convulsão, Convulsão Transcendente e Infinita, Deus!...», tornando-nos «absolutamente fortes» e «poderosos»⁴⁹. Mais verdadeiro do que dizer que «Deus está em nós» é assim dizer que «nós

44 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., p. 103.

45 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., pp. 121 e 150.

46 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., pp. 106-107.

47 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., p. 108.

48 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., p. 108.

49 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., p. 115.

somos Deus», mas o «Deus absolutamente convulsivo» que Leal vê como «fusão» e «transcendentalização do Deus da Bondade, da Harmonia e de Satan»⁵⁰. Esta experiência de ser Deus, que é a da própria «Liberdade Transcendente», atinge-se na «Morte», entendida como a «mais alta morte» ou «estado mais sublime do Espírito» em que se dá, simultaneamente, a «consciência plena» e transcendente da «Vertigem essencial do eu» e de tudo. Aí se transcende, afinal, a «nossa própria personalidade» e o «nosso eu», gozando-se o «eterno prazer transcendente e convulsivo do Espírito e da Vertigem» que, na sua existência eterna, transcendem todas as noções e ações definidas pelos conceitos antinômicos, como bem e mal, justiça e injustiça, belo e horrível⁵¹. No que também designa como a «Morte Pura», o eu transcende-se no seu acume vertiginoso, numa «compenetração absoluta» em que se abandona definitivamente «toda a vagificação do Espírito, a fictícia matéria», para se viver exclusivamente do «Espírito Puro» no seu puro e indefinido «convulsionismo»⁵², também designado como o «Cáos» ou «Vertigem Transcendente» no qual se fundem e mutuamente se transcendem todas as aparentes antinomias, incluindo a que se constitui entre «Harmonia» e «Caos»⁵³.

Raul Leal conclui esta odisseia vertiginosa do pensar num registo que evoca uma orientação análoga em Fernando Pessoa, quando nacionaliza o programa sensacionista de sentir «tudo de todas as maneiras» e «ser *tudo* e todos»⁵⁴ na visão do Quinto Império como o futuro de Portugal, cujo destino seria precisamente «sermos tudo»⁵⁵. Também Raul Leal nacionaliza o vertiginismo da sua visão, considerando ser «sobretudo em Portugal» que o «espírito vertigico domina nos tempos modernos», sendo o povo onde mais avulta, não a mística dissolução da personalidade,

50 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., p. 131.

51 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., p. 131.

52 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., p. 132.

53 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., pp. 147-148.

54 Cf. PESSOA, *Sensacionismo e Outros Ismos*, op. cit., p. 149.

55 Cf. F. PESSOA, «Entrevista a A. A. Martins», *Revista Portuguesa*, 23-24 (Lisboa, 13-10-1923), in PESSOA, *Obra Poética e em Prosa*, op. cit., pp. 703-704. Rui Lopo nota que um dos parágrafos do texto desta entrevista foi significativamente retirado de um texto anterior, «inicialmente pensado a partir de e para Raul Leal». LOPO, «Raul Leal: leitor de Fernando Pessoa...», op. cit., pp. 42-43.

mas um «egotismo espiritual, transcendente que vai além da própria personalidade» (enquanto o «misticismo» estaria «aquém dela») e se exprime na «Vertigem Transcendente». Constatando, contudo, que os portugueses não têm a consciência «do vertiginismo que anima a sua alma essencialmente transcendente», assume como sua missão despertá-los para tal, bem como «Elevar a humanidade toda à espiritualidade lusitana». Como corolário disto, proclama que «elevar assim todo o Homem ao Transcendental Vertigico, á Vertigem Pura, é o destino sublime que a mim próprio impuz!...». Com isto declara preparar «o advento do Hiperesteta» que se sentirá a própria «Convulsão Pura», preparando, para a humanidade e para si, «a mais sublime morte», «a Morte transcendentemente vertigica»⁵⁶. No mesmo espírito de proclamação profética conclui:

O genio de Kant e Nietzsche transcendentalizado pelo espirito de Schumann elevado á Liberdade Pura dos portugueses animará o Futuro que se ha-de abrir para a Humanidade!⁵⁷...

Não nos deteremos aqui nas questões levantadas por esta aparente assunção de uma visão e experiência pessoal como característica geral e essencial dos portugueses, operada por Fernando Pessoa e Raul Leal, mas também ocorrente noutros autores que pensaram o cerne da cultura portuguesa, como Teixeira de Pascoaes e Agostinho da Silva. Apenas notamos que, se por um lado isto pode ser visto como uma problemática projecção da subjectividade individual no ser e devir de um dado colectivo, há por outro lado que considerar que estes autores assumem a constituição da sua visão e pensamento como inseparável da busca de desvendar e interpretar o sentido mais fundo do ser e devir do povo e da cultura portugueses.

56 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., pp. 150-151.

57 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., p. 151.

Conclusão

Num breve balanço final da relação entre os dois autores em torno dos temas escolhidos, se a experiência do Mistério trans-ontológico desoculta em Álvaro de Campos um abismo insondável em toda a configuração da existência e da consciência, que abre em Bernardo Soares um vazio vertiginoso na experiência de si como um «nada» em torno do qual todo o mundo fenomenal gira, já em Raul Leal a Vertigem é a própria actividade originária subjacente ao mesmo mundo fenomenal, mas que, na medida em que não for reconhecida, na sua aparição se dilui e materializa (o que designa como a sua «vagificação»), enquanto que, uma vez reconhecida, se desvela como o fundo sem fundo de tudo que em si a tudo indefine, (con)funde e consubstancia. Isto tem como correlato, em termos da experiência de si, menos a nadificação do sujeito do que a sua totalização e absolutização como um eu que, descobrindo-se e sentindo-se idêntico a Deus, ou seja, à própria Vertigem transcendente, se descobre e sente um eu que, na sua íntima indefinição, é tudo e todos. Raul Leal parece na verdade apropriar o conceito de Álvaro de Campos, que escreve com maiúscula, «Ultra-ser», ao de «Ultra-eu», pois na «Vertigem» e «Vácuo» do existir tudo é indefinível e indeterminável e assim todos os seres ou «ultra-seres» supõem em si mesmos todos os outros⁵⁸. Em ambos os casos isto implica e convida a uma transformação radical da experiência convencional de si e do mundo, que subverte a percepção habitual de um eu distinto dos outros e do mundo para a converter na experiência do mistério de uma ausência original e originária de si e de entidade em torno da qual tudo vertiginosamente gravita (Fernando Pessoa) ou na experiência de uma vertigem igualmente original e originária, mas também reintegrativa, que, fundindo e indefinindo tudo em si, possibilita que o eu simultaneamente se despersonalize e totalize, reconhecendo-se idêntico à trans-antinómica Vertigem divina (Raul Leal). O acume destas experiências é, nos dois pensadores, trans-discursivo, o que naturalmente relativiza toda a sua expressão e interpretação.

58 Cf. R. LEAL, *A Loucura Universal*, 1924, in GANDRA (org.), *Profética Lusíada*, op. cit., pp. 229-231.